

DEAMBULAÇÕES DE ALFREDO EM BELÉM DO GRÃO PARÁ: A CIDADE AMAZÔNICA MODERNA DESVELADA PELOS OLHARES DE UM FLÂNEUR

ALFREDO DEAMBULATIONS IN BELÉM DO GRÃO PARÁ: THE MODERN AMAZONIC CITY UNVEILED BY THE VIEWS OF A FLANEUR

Geisiane Evellin Monteiro Costa 1

Resumo: O presente trabalho traz uma análise da obra *Belém do Grão Pará* (1960), primeiro romance urbano de Dalcídio Jurandir, componente do Ciclo Extremo Norte, a fim de mostrar uma cidade revelada pelos olhos de um flâneur, caracterizado por Alfredo, protagonista do romance. A obra de Dalcídio mostra os conflitos que vão muito além de problemas sociais locais causados pela decadência pós-borracha, mais que isso, conflitos que permeiam o próprio homem moderno, que diante das grandes mudanças tenta se encontrar. *Alfredo – flâneur - em suas deambulações nos revela as circunstâncias da modernidade na Amazônia. O seguinte trabalho foi pautado nos estudos de Walter Benjamin (2015), Antoine Compagnon (2014), entre outros, que nos permitem entender o complexo fenômeno da modernidade. Dalcídio não apenas encanta e desencanta uma região, ele mostra de maneira ímpar o homem em seus conflitos em meio social, e é isso que aproxima Alfredo à figura universal: o Flâneur.*

Palavras-chave: Modernidade. Belém do Grão Pará. Cidade. Flâneur.

Abstract: The present work brings an analysis of the work *Belém do Grão Pará* (1960), Dalcídio Jurandir's first urban novel, part of the Extreme North Cycle, in order to show a city revealed through the eyes of a flâneur, characterized by Alfredo, protagonist of the novel. Dalcídio's work shows conflicts that go far beyond local social problems caused by post-rubber decay, more than that, conflicts that permeate modern man himself, who in the face of great changes tries to find himself. *Alfredo - flâneur - in his wanderings reveals the circumstances of modernity in the Amazon. The following work was based on the studies of Walter Benjamin (2015), Antoine Compagnon (2014), among others, which allow us to understand the complex phenomenon of modernity. Dalcídio not only enchants and disenchant a region, he shows in a unique way, man in his conflicts with social environment and that is what brings Alfredo closer to the universal figure: the Flâneur.*

Keywords: Modernity. Belém do Grão Pará. City. Flâneur.

1 Formada em Letras- Língua portuguesa pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Pós-graduada em Língua portuguesa e literatura brasileira pelo Instituto pedagógico de Minas Gerais (IPEMIG). Graduada Pedagogia pela Faculdade da Lapa (FAEL) e discente do curso de Neuropsicopedagogia pela Faculdade Metropolitana. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5849072785502808>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6193-004X> . E-mail: geisiane.evellin@gmail.com

Introdução

Conhecer a história de uma cidade é bastante intrigante. Ela pode ser feita de várias formas: por fotografias, mapas geográficos, arquitetura, cartas antigas ou romances. Dentre esses olhares optamos por conhecer uma cidade a partir de um olhar de poeta, um olhar de flâneur.

Durante a construção deste trabalho teremos contato com a história de uma região, representada pela história de uma cidade: Belém, por meio da obra *Belém do grão Pará* de Dalcídio Jurandir (1960). A cidade é constituída de diversos componentes, como as imagens arquitetônicas e os habitantes, sendo este último, principal modificador da paisagem urbana.

Entrar em uma cidade é entrar em um ambiente repleto de mudanças, seja no espaço físico, seja nos sujeitos que nela habita. Conforme Schariza Oliveira (2010), “A arquitetura desenvolveu-se com o pensamento humano à medida que o povo cada vez mais necessitou expressar seus pensamentos. Edifícios, monumentos e outras construções revelavam o desejo humano de manifestar-se”¹.

Esse desejo é refletido pela grande vontade da novidade, sempre em busca de superar aquilo que já se fez novo que, como afirma Benjamin, num instante outro, torna-se passado. É por meio do ato de olhar que é possível obter as mais incríveis imagens da cidade e da história de seus habitantes.

A cidade é representada na literatura da mesma forma que é vivenciada, o sujeito que a observa lê e reflete de maneira intensa aquilo que vislumbra. Para Gomes (1997) *apud* Oliveira (2010):

A cidade escrita é, então, resultado da leitura, construção do sujeito que a lê, enquanto espaço físico e mito cultural, pensando-a como condensação simbólica e material e cenário de mudança, em busca de significação. Escrever, portanto, a cidade é lê-la, mesmo que ela se mostre ilegível à primeira vista; é engendrar uma forma para essa realidade sempre móvel. Mapear seus sentidos múltiplos e suas múltiplas vozes e grafias é uma operação poética que procura apreender a escrita da cidade e a cidade como escrita, num jogo aberto a complexidade².

Ler uma cidade é escrevê-la a partir de um olhar sensível de poeta, um olhar de flâneur: encantador e intrigante. E é desta maneira que Alfredo revela Belém. Como um flâneur passeia pela cidade revelando-a como é: cheia de mistérios e lutas, composta por sujeitos repletos de conflitos sociais e internos que se encontram nos centros, nas ruas, nos becos, semelhante às cidades modernas universais. No entanto, Alfredo narra seu olhar por meio de imagens poetizadas.

O presente trabalho tem por objetivo analisar a obra *Belém do grão Pará* (1960) de Dalcídio Jurandir, a fim de aproximarmos a personagem Alfredo à figura baudelairiana: o flâneur, para assim, entendermos como o processo de modernização se desenvolveu na Amazônia e em seus habitantes. Esses olhares nos permitirão, não apenas conhecer, mas compreender como esse processo universal moldou os habitantes de uma região, bem como mostrar que essa região possui conflitos políticos e sociais como quaisquer outras regiões modernas. A Amazônia traz em sua história não apenas o encantamento, escrito por muitos - que sem dúvidas é de extrema importância e beleza - mas também realidades inerentes a qualquer cidade submetida ao almejado progresso, promessa da Modernidade.

O processo metodológico está dividido em duas sessões, sendo a primeira dedicada às discussões entorno do fenômeno da modernidade, tido como um processo complexo e paradoxal que percorreu o mundo. Para essa discussão nos pautamos no filósofo e ensaísta alemão,

1 OLIVEIRA, S. Conexões literárias da vida urbana: cidade e sujeito em Cecília Giannetti e Paloma Vidal, 2010, p. 19.

2 Ibidem, p. 13.

Walter Benjamin e Antoine Compagnon os quais desenvolveram diversos estudos a respeito da modernidade. Benjamin leva-nos a questionar a utopia que a modernidade proporciona. As efêmeras transformações do meio físico das cidades, não trouxeram apenas “progresso”, mas ao mesmo tempo “decadência”, pois como ele mesmo afirma, é impossível falar de um sem pressupor o outro.

O fenômeno da Modernidade atingiu todo o mundo, e na Amazônia não foi diferente. O processo de modernização chegou a “grande massa verde” e, assim como na Europa, transformou a imagem da cidade de Belém, contrastando o verde da região à massa cinzenta advinda do concreto. O processo de modernização na Amazônia possui uma vasta discussão, nesse âmbito, neste trabalho pautou-se em Wille Bolle (2009), que faz uma leitura do período de grandes transformações em Belém, e o faz por meio de um processo topográfico, a partir de ícones da obra Belém do Grão Pará de Dalcídio Jurandir. Destarte, nota-se às transformações ocorridas na cidade de Belém, que, à semelhança – literalmente - de Paris mudou radicalmente a imagem da cidade.

A segunda sessão é dedicada à leitura da obra Belém do Grão Pará, na qual se aproxima a personagem Alfredo à intrigante figura baudelaireana, o flâneur. Durante essa aproximação será possível conhecer como se deu o processo de modernização da cidade de Belém, bem como vislumbrar a afirmação que Benjamin já havia apontado: todo progresso pressupõe a decadência. Belém viveu o século das grandes transformações, seu apogeu e sua ruína, assim como toda cidade moderna.

À modernidade

*A modernidade adota facilmente uma postura provocante,
mas seu interior é desesperado.*³

Falar de Modernidade é falar de movimento, mudanças rápidas. No entanto, o foco aqui não é expor as efêmeras mudanças ocorridas nos avanços tecnológicos e científicos, apesar desses serem suas fortes causas. Mas, no desenvolvimento desse fenômeno sob o âmbito social, para entender como o indivíduo reage diante das conturbadas transformações. Para tanto, utilizou-se os preceitos de Walter Benjamin (2015) e Antoine Compagnon (2014) feitos a partir de estudos nos escritos de Baudelaire, grande poeta da literatura francesa moderna.

Se seu interior é “desesperado”, como aponta Compagnon (2014), então vivenciar a modernidade é também tornar-se desesperado. O provocante causa conturbação naquele que o penetra, e quanto mais fundo se olha, mais desesperador e tentador se torna.

O indivíduo quando entra em contato com o provocante e intrigante Moderno, adentra na dissolução daquilo que já se fez presente, dessa forma, a dissolução do próprio tempo. As mudanças causam tormenta na definição do tempo, visto que, aquilo que é presente num segundo outro se faz passado na medida em que o “novo” aparece, “a passagem do novo para o velho é, a partir daí, instantânea”.⁴

Para Benjamin (2015), “a modernidade designa uma época, e designa ao mesmo tempo a força em ação nessa época, que a aproxima da Antiguidade”⁵. Deste modo, torna-se sua própria antiguidade por atrelar-se a uma época que compõe uma história.

O paradoxo que envolve a modernidade espelha e torna o próprio indivíduo paradoxal, incapaz de entender a si diante das efêmeras mudanças. Estar em um tempo dissolúvel é tornar-se, ao mesmo tempo, fragmentado; inacabado; incompleto, o que gera uma busca constante pela definição da individualidade que, segundo Compagnon (2014)- a respeito de alguns traços da modernidade- “elimina os corpos intermediários e desfaz a unidade orgânica do corpo social”,⁶ o social, assim, torna-se individual.

Para Marshall Berman, no prefácio de sua obra *Tudo o que é sólido se desmancha no ar*. A

3 COMPAGNON, Antoine. Os cinco paradoxos da modernidade, 2014, p. 15.

4 Ibidem, p. 40.

5 BENJAMIN, Walter. Baudelaire e a modernidade, 2015, p. 83.

6 COMPAGNON, Antoine. Os cinco paradoxos da modernidade, 2014, p. 29.

aventura da modernidade (1986) afirma que,

A experiência ambiental da modernidade anula todas as fronteiras geográficas e raciais, de classe e nacionalidade, de religião e ideologia. Nesse sentido, pode-se dizer que a modernidade une a espécie humana. Porém, é uma unidade paradoxal, uma unidade de desunidade: ela nos despeja a todos num turbilhão de permanente desintegração e mudança, de luta e contradição, de ambigüidade e angústia. Ser moderno é fazer parte de um universo no qual, como disse Marx, “tudo o que é sólido desmancha no ar”⁷.

O homem diante desse fenômeno torna-se paradoxal, contraditório em toda a sua construção. O homem cidadão está em constante transformação e assim como o meio externo, o seu interior também é conturbado. Lidar com as mudanças externas é também ter que lidar com conturbações interiores, fragmentos de sentimentos, na constante busca por compreender-se ou compreender seu tempo e espaço.

As efêmeras mudanças causam confusão no indivíduo que nelas vivem, afinal, estão rodeados de “novidade” e ao mesmo tempo da “antiguidade”. A modernidade pressupõe uma condição dual marcada pela “decadência, isto é, a um progresso rumo ao fim do mundo”⁸. O progresso leva a decadência que é retratada pela cidade em fragmentos.

As dualidades recorrentemente aparecem na modernidade, o indivíduo vive um misto de contradições que, mesmo sendo opostas, fazem-se semelhantes, como progresso e decadência, novo e antigo, medo e satisfação, dias escuros. Cada palavra traz consigo significado divergente ao outro, mas, dentro deste tempo cada uma se complementa em uma espécie de semelhança. Diante disto, fica uma pergunta: O homem diante dessa dualidade torna-se também dual?

Estar num espaço de total conturbação torna o cidadão suscetível à indefinição de si mesmo, sua identidade já não é definida, mas, inconstante como o meio em que vive. “As cidades - tornam-se assim - [...] local de dispersão e perda da identidade individual e coletiva”⁹. O sujeito já não consegue definir-se no meio de tantas mudanças, o que o leva a perde-se junto à cidade tornando-se parte indissociável dela. São os fragmentos que a compõem.

Durante as grandes transformações novos transeuntes começam a aparecer como heróis da cidade. Aqueles considerados os párias da sociedade tornam-se sujeitos de destaque na literatura, por suas lutas diárias que, ao mesmo tempo em que consomem, são consumidos pelo tempo fugaz. O herói moderno, diferente do mitológico, não aparece com sua grande força e beleza celestial, ao contrário, mostra-se na sua mais “vívida mortalidade”, com seus conflitos, sonhos e emoções exacerbadas, inerentes a sua necessidade carnal.

Assim, o bêbado, o catador de lixo, o mendigo, a prostituta, o operário, todos aqueles considerados os párias da sociedade tornam-se objetos visíveis da vida mundana moderna, que consomem e são consumidos pelo tempo. Um “jogo” insaciável que sempre se renova, sem ganhador. É no lixo da sociedade que estão os heróis modernos!

Deste modo, “isso significa que viver a modernidade exige uma constituição heroica”¹⁰. Mas, qual desafio esses heróis enfrentam? E que recompensa há no final de suas lutas?

Se os heróis estão nas margens da sociedade, sua luta nada mais é contra ela própria, enfrentada diariamente e tendo por recompensa a morte. Essas lutas põem os heróis em constante conflito interno, posto que seja movido por necessidade insaciável ditada pelo desejo de consumir. Diante disso, a melancolia está sempre presente na vida desses heróis, que os movem rumo a morte, sua maior recompensa.

Segundo Benjamin (2015), “a modernidade tem de ser colocada sob o signo do suicídio”¹¹, no

7 BERMAN, Marshall. Tudo o que é sólido se desmancha no ar. A aventura da modernidade, 1986, p. 8.

8 Ibidem, p. 30.

9 MENEZES, Marco Antônio de. Um flâneur perdido na metrópole do século XIX: História e Literatura em Baudelaire 2004, p. 79.

10 BENJAMIN, Walter. Baudelaire e a modernidade, 2015, p. 76.

11 Ibidem, p. 77.

entanto, não deve ser encarado como uma fraqueza do sujeito, mas uma “conquista por excelência da modernidade [...]” o que faz deste, o maior ato da vida do herói moderno.

Diante de tanta transformação o morador da cidade passa a ter contato com imagens diferentes do habitual, a natureza e tranquilidade dão espaços às florestas de concreto e asfalto que invadem e formam a cidade. O belo surge então repaginado, transfigurado, ‘bizarro’ diante da massificação automatizada que surge intrínseca à cidade, que se torna cada vez mais mutável, sombria e, ao mesmo tempo, intrigante aos olhos dos sujeitos citadinos.

Os becos, as calçadas, as ruas são habitadas por sujeitos ímpares que para a sociedade constituem a parte extra da equação. Uma parte indesejada - no entanto necessária - que não se encaixa na estrutura interna da cidade, restando-lhes as margens. Esses sujeitos vivem das sobras do tempo e espaço.

As transformações trouxeram para a cidade um ar sombrio devido às montanhas de cimentos que impedem a luz de entrar; os moradores tornam-se igualmente sombrios, com sonhos focados sempre à frente de seu tempo, em busca de uma utopia inalcançável e insaciável diante do desejo de mudança.

Essas transformações ganharam uma grande proporção e tiveram reflexos no mundo e por consequência na Amazônia. Falar de modernidade num local onde a natureza é exuberante parece impossível, mas às massas cinzentas tomaram conta do verde, fazendo o cenário amazônico mudar radicalmente. Em meios as grandes florestas cresceram grandes construções de concreto, asfalto e estradas de ferro.

Belém tornou-se o centro da região amazônica refletindo toda a exuberância e glamour nos tempos áureos da exportação da borracha, uma espécie de Paris n’Amazônia. Os habitantes se viram rodeados de construções exuberantes que cresciam e vestiu a cidade com a ilusão do progresso enchendo seus olhos e sonhos.

A Amazônia passou por um processo de crescimento diferente do resto do país, sua produção econômica estava pautada na “produção manufaturada, a partir das transformações do látex [...] baseava-se também na indústria naval e numa agricultura de pequenos proprietários”¹². Deste modo, podemos dizer que, a Amazônia tornou-se um país situado no extremo de outro país: o restante do Brasil.

O “mundo” parisiense construído na capital da Amazônia, ocasionando contrastes entre selva e pedras, mistérios e clareza, progresso e decadência, antônimos refletidos pela tão almejada Modernidade.

Reportar os reflexos da modernidade na Amazônia exigiria uma enorme discussão, visto que, o processo desse fenômeno foi de grande impacto nesta região, principalmente ocorridas na “*Belle Époque*” com o sonho de tornar Belém uma “*Paris n’América*”, a época de ouro vivida por muito tempo nos sonhos dos habitantes. Segundo Wille Bolle (2009),

A leitura da cidade de Belém [...] pode ser aprendido: a partir do contato com sua fisionomia arquitetônica e urbana, do convívio com seus habitantes e do estudo de retratos exemplares de cidades deixados pelos escritores mestres¹³.

A partir da cidade e sua fisionomia, e de seus habitantes podemos perceber o processo de Modernidade na Amazônia, pois, as mudanças não ocorreram somente no meio físico da cidade, mas, naqueles que nela vivem. Para entendermos melhor alguns aspectos que caracterizam a modernidade Amazônica achamos interessante dialogar com o texto de Wille Bolle, *Belém, porta de entrada da Amazônia* (2009), que expõe o cenário moderno desta região a partir de uma leitura panorâmica da cidade Belém. Para tanto, ele se utiliza da obra *Belém do Grão Pará*, objeto de análise, também, deste trabalho.

“Ler uma cidade é uma arte”, diz Rainer Maria Rilke¹⁴ citado por Wille Bolle (2009), e de fato,

12 SOUZA, Márcio. Amazônia e modernidade. 2002, p. 32.

13 BOLLE, Wille. Belém, porta de entrada da Amazônia In: CASTRO, Edna. Cidades na floresta, 2009, p. 99.

14 Considerado um dos mais importantes poetas modernos da literatura alemã, Rainer Maria Rilke, segundo

ler uma cidade é ler um poema fragmentado, e em constante construção. Cada olhar lançado sobre ela é um fascínio, às vezes admirável, às vezes temeroso. Ler a história de uma cidade a partir de uma obra literária é mais fascinante ainda, pois, não é qualquer olhar, é um olhar de poeta, de um construtor e revelador de sonhos.

Nesta obra, percebe-se a cidade em seu declínio, pois se passa na decadência da época de ouro vivido na Amazônia. As personagens vivem na sombra e sobra de uma época opulenta - que temos contato a partir de suas lembranças - e nas ruínas do que sobrou dessa *Belle Époque*¹⁵. Deste modo, tanto temos contato com o “progresso” quanto com a “decadência” da cidade, através da ampliação do tempo narrado na obra.

Segundo Bolle (2009), o tempo de decadência e apogeu não se dá separadamente, não há uma delimitação para cada acontecimento, mas, complementam-se durante a história. Para ele, a cronologia na narrativa “é, por tanto, relativizada”. Durante todo o processo de mudanças ocorridas na região amazônica “[...] inclusive os de modernização, sempre foram também de decadência e degradação”¹⁶. Deste modo, tratar a história do processo de modernização atentando apenas para um aspecto, progresso ou decadência, seria difícil, pois, o progresso traz consigo a decadência, assim diz Compagnon (2014), “O progresso, antes mesmo de ter sido inventado enquanto tal, já é inseparável da decadência”¹⁷.

A cidade de Belém é um ponto de partida para conhecermos a história das transformações da Amazônia, vista por muitos como um lugar encantado e cheio de mistérios. De fato, a cidade traz em si os mistérios da região, pois, tudo por ela passa, Belém é o ponto de chegada e de partida da Amazônia. Mas, em meio aos encantos das florestas está a realidade de seus habitantes, com lutas a serem vencidas no final de cada dia, que destaca o caráter mais social da obra, elevando-a da mera avaliação crítica de obra simplesmente regionalista.

As personagens que aparecem no romance representam pessoas com características próprias e distintas entre si, mas que representam mais que um todo social da região, o estado humano diante das grandes mudanças ocorridas na modernização. Segundo Marli Furtado (2002), Dalcídio Jurandir:

[...] transcende a fronteira do mero enquadramento como escritor regionalista menos pelo enfoque do regional do que pela análise crítica das relações sociais, ao plasmar heróis agônicos em tensão contínua, seja com o universo derruído em que se encontram, seja com eles mesmos, devido às dores universais humanas¹⁸.

Deste modo, depreende-se que a obra retrata mais que conflitos regionais, reflete a condição do homem moderno diante das conturbadas transformações acarretada pela modernidade, o que permite entender como se desenvolveu esse fenômeno na cidade e nos habitantes.

Para Benjamin (2015) “A grande cidade despertava naqueles que a viam pela primeira vez, medo, repugnância e horror”¹⁹. Estar na cidade pressupõe tentar compreendê-la em seus labirintos de significações, e para isso, surge, então, uma figura intrigante, surge um leitor da cidade: o flâneur.

Paulo Plinho Abreu, “poeta fundamental, Rilke é a voz de uma época em transição. Talvez seja a última voz do seu tempo, aquela que anunciou “fim dos tempos modernos [...]”. (Paulo Plinho de Abreu – parte de uma introdução sobre a obra de Rilke publicado no Jornal paraense “folha do Norte” entre os anos de 1946 e 1948 - disponível em: <http://www.culturapara.art.br>

15 “O período vivido entre 1878 e 1914, para a maioria dos europeus, é chamado de Belle Époque. Um momento em que o contexto global era pautado no ideário liberal do progresso e da expansão das relações econômicas e sociais.” (MÁRTYRES, 2014, p. 156). Esse momento chegou ao Brasil e trouxe significativas mudanças no cenário arquitetônico e social.

16 BOLLE, Wille. Belém, porta de entrada da Amazônia In: CASTRO, Edna. Cidades na floresta, 2009, p. 112.

17 COMPAGNON, Antoine. Os cinco paradoxos da modernidade, 2014 p. 18.

18 FURTADO, Marli. Universo derruído e corrosão do herói em Dalcídio Jurandir 2002, p. 8.

19 BENJAMIN, Walter. Baudelaire e a modernidade, 2015, p. 127.

Um flâneur em Belém: o desvelar de uma cidade amazônica

*O meu olhar é nítido como o girassol.
Tenho o costume de andar pelas estradas
Olhando para a direita e para a esquerda,
E de vez em quando olhando para trás...
E o que vejo a cada momento
É aquilo que nunca antes eu tinha visto,
Eu sei dar por isso muito bem...
Sei ter o pasmo essencial
Que tem uma criança se, ao nascer,
Reparasse que nascera deveras...
Sinto-me nascido a cada momento
Para a eterna novidade do mundo...²⁰*

Observar a natureza é algo sublime como a suavidade do mover de um girassol à suave brisa que o toca. A calma e a beleza são consumidas pelo observador da mesma maneira, suavemente como bem nos mostra o trecho do poema de Alberto Caeiro, heterônimo de Fernando Pessoa. A postura do observador da cidade dar-se igualmente, como uma criança que a tudo absorve e a cada novo olhar capta uma imensidão de novidades, mas diferente da calma da natureza, esse observar é conturbado.

Apesar da diferença de espaços, ambos os observadores consomem seu meio de acordo como o veem: calmamente ou freneticamente. Sendo o primeiro ligado a natureza e o último a cidade. E é neste último cenário que a personagem Alfredo se encontra, desvela a cidade de Belém assim como a ver: contraditória, assustadora e ao mesmo tempo intrigante em toda sua constituição.

Belém do Grão Pará é o primeiro livro urbano do ciclo, que retrata a fase adolescente de Alfredo, menino cheio de sonhos que acredita que na cidade encontrará um destino diferente do que teria vivendo em Cachoeira, sua cidade natal, no entanto, Alfredo não entra nessa narrativa como personagem principal, mas a própria cidade, como afirma Wille Bolle (2006), “A personagem principal do romance não é nem o menino Alfredo, nem a família Alcântara cuja história é ali narrada, mas a cidade de Belém, conforme anunciado no título”²¹.

Adentrar no “mundo dalcidiano” é estar dentro de mundo corroído pelo progresso e a constante busca do homem moderno em encontrar-se diante a tanta mudança. *Belém do grão Pará* é, sem dúvidas, o espelho de um tempo decadente e nostálgico refletidos pelos olhares de um ser curioso e inquieto. Alfredo assume, neste romance, um papel revelador que, quanto mais conhece a cidade, mais é tragado por ela. Belém reflete as contradições dos habitantes citadinos que, ao mesmo tempo encanta e desencanta o menino, pois seus sonhos estão em uma época exuberante que aos poucos são quebrados pela paisagem desgastada da cidade, assim como, a própria família que o abriga.

A cidade exuberante de uma época de ouro está presente nas lembranças dos moradores citadinos, que se fragmentam aos poucos aos olhos de Alfredo, observador atento. A primeira imagem captada por este observador é a introdução do choque sofrido pela personagem e a quebra de sua ilusão da época vigorosa de Belém, caracterizada pela morte, que lhe dá boas vindas logo na entrada da cidade, e antecede o desgaste que Alfredo encontrará em seus caminhos. O corpo estirado e amostra em um balcão do necrotério, é temida pela personagem que, imagina-se sendo consumido e descartado pela cidade de seus sonhos. A cidade para Alfredo torna-se assustadora e

20 PESSOA, Fernando. Poemas de Alberto Caeiro in O guardador de Rebanhos. Lisboa: Ática; 10ªed., 1993. Disponível em: www.revistaprosaveroearte.com

21 BOLLE, Wille. Belém, porta de entrada da Amazônia In: CASTRO, Edna. Cidades na floresta, 2009, p. 101.

temível, fazendo-o se questionar seu destino diante do choque da morte.

E logo senti obscuramente que a morte na cidade se despojava daquele pudor, decência e mistério que a todos transmitia em cachoeira. Lá “fazia mal” deixar um morto assim, o morto era inviolável [...] dentro do corpo mão nenhuma tocava [...] não ficaria nunca ali naquela pedra, sem nome, vela ou origem, igual a peixe no gelo²².

A cidade é consumida e desnudada pelos olhos de Alfredo. A cada novo olhar, um torpor de sensações o preenche, causado pela embriaguez dos caminhos escuros que conduziam ao interior da cidade.

Nos becos escuros se defronta com figuras que o intrigam, como a mulher descabelada que em um momento eleva as vestimentas e anuncia “[...] Está aqui e está nos infernos, a mesma coisa é, melhor é lá.”²³. Acontecimento que lhe causa assombro diante da duplicidade da mulher: “‘Cada uma que parece duas’, cochichou Alfredo”²⁴. O sujeito diante da cidade perde sua identidade. A personagem chamada Cordalina aparenta estar embriagada, condição esta, que a faz desnudar-se sem receios como podemos perceber no seguinte fragmento:

Mas, Cordalina, minha irmã. Te cobre, filha de Deus. Arranja ao menos uma tanga por debaixo. A cruz castiga. Te guarda na rua, misericórdia. Perdeste de tudo, Cordalina? Ah, minha irmã, ah minha irmã! Quem tu fostes, quem tu és²⁵.

A ênfase final da fala da irmã de Cordalina nos afirma a sua perda de identidade, que diante de sua condição torna-se desconhecida à irmã. O sujeito perde-se nas sombras misteriosas da cidade.

Os objetos expostos pelos olhares de Alfredo se dirigem aos sujeitos marginais, voltando-se para as camadas baixas da cidade. A paisagem que contempla se volta para o sujeito que, assim como a própria cidade, estão fragmentados pelo tempo.

Ao chegar a Belém, Alfredo se depara com diversas figuras intrigantes que caracterizam a diversidade e a desigualdade social daquele meio. Uma realidade totalmente diferente da que ele idealizava. Ainda na embarcação Alfredo entra em contato com uma situação comum aos hábitos amazônicos, a “adoção” de crianças que, sem condições alguma no interior, são mandadas a capital para terem um futuro diferente do que teriam em suas habitações natais. Sonhos muitas vezes frustrados diante da realidade que essas crianças encontram:

O tripulante voltou à “Deus te guarde”, num átimo trouxe a encomenda da senhora: uma menina de nove anos, amarela, descalça, a cabeça rapada, o dedo na boca metida num camisão de alfacinha. A senhora recuou um pouco, o leque aos lábios, examinando-a:

- Mas isto?

E olhava para a menina e para o canoeiro, o leque impaciente:

- Mas eu lhe disse que arranjasse uma maiorzinha pra serviços pesados. Isto aí...

22 JURANDIR, Dalcídio. BGP, p. 41.

23 Ibidem, p. 43.

24 Ibidem, p. 43.

25 Ibidem, p. 43.

O canoeiro respondia baixo e se enchendo de respeitosas explicações, fazendo valer a mercadoria²⁶.

A comercialização da região amazônica, praticamente, era toda feita no mercado do Ver-o-Peso²⁷, o embarque e desembarque das mercadorias davam-se naquele local. O relato de Alfredo reflete a comercialização do próprio indivíduo que, para o menino é espantoso, mas que para os indivíduos ali presentes, àquela realidade tornou-se algo corriqueiro. “Lá fora a doca se agitava, longe seguia a senhora de pluma e leque, latejava a cidade, agora ao menino, incompreensível, assustadora”²⁸. Não apenas os objetos são comercializados, mas o próprio indivíduo assume essa condição de mercadoria.

No decorrer da narrativa, Alfredo encontra outras personagens nas mesmas condições de mercadoria. A família que o acolhe trata da mesma maneira Libânia e Antônio, duas crianças que vivem em condições precárias na casa dos Alcântaras. Libânia, que se encontra na casa desde antes da chegada de Alfredo, e Antônio, que diante das péssimas condições vividas na família que o abrigou primeiramente, é roubado pelos Alcântaras para “melhor viver”:

Tu sabes, aquele Antônio do vizinho? Aquele amarelinho que até penso que come terra? Pois madrinha Emília quer roubar ele. Ele se diz muito maltratado [...] coitadinho sem ninguém! Querendo se entreter contigo, comigo, e á é sempre carregando peso, até cozinhando, fazendo isto e fazendo aquilo, até bacio meia-noite carregando do quarto²⁹.

Apesar de Antônio não suportar mais a exploração da vizinha dos Alcântaras, a troca de casa não o tira da mesma realidade, uma vez que também passa a ter as mesmas ocupações da antiga madrinha. O que lhe faz optar por trocar de casa, como podemos perceber no excerto acima, é justamente ter a companhia de Alfredo e Libânia, sendo esta última, sua igual.

Entrar na cidade a partir dos olhos de Alfredo é perceber um ambiente no qual os habitantes vivem de lembranças. Não só os moradores citadinos, mas, o próprio Alfredo vive entre esse linear de realidade e lembranças, caracterizada pelas várias vozes da narrativa. Esse jogo de vozes que compõem a narrativa é feita de maneira fragmentada, nas quais personagens e narrador confundem-se a todo instante.

O caráter rememorativo das personagens nos leva há tempos e acontecimentos distantes, com Alfredo voltamos a Cachoeira do Arari, que desde já mostra-nos uma realidade diferente daquelas relatas pelas demais obras da mesma época, que possuem um caráter naturalista recorrentes nos romances de 30. A Amazônia é revelada de forma mítica, encantada, já em *Belém do Grão Pará*, Alfredo revela a realidade que o morador belenense enfrenta. “Se lembrou do curupira de dente verde, que tira o fígado das pessoas. Aqui não tinha curupira, tinha os homens”³⁰. Os problemas sociais e individuais dos habitantes dessa região não são diferentes dos problemas enfrentados em outras cidades modernas. Assim como as grandes cidades modernas, Belém reflete as diversas crônicas dos habitantes.

Ao passo que Alfredo alcança o interior da cidade, percebe-a atordoante com a exorbitante quantidade de transeuntes, “passou um bonde cheio, a quantidade de passageiros o aturdiu”³¹. O bondinho cheio carrega lentamente as pessoas que ao observar de Alfredo “[...] pareciam fartos de Belém”, que ao contrário dele, conforme o transporte caminhava rumo as “saborosas entranhas”

26 Ibidem, p. 40.

27 “O Ver-o-Peso – além de concentrar marcas de todas as épocas históricas e das diversas funções da cidade – é, sobretudo, um porto, um grande mercado e uma área de intensa circulação do povo e, assim, uma síntese da cultura cotidiana da cidade e do seu entorno” (BOLLE, Wille, 2009, p. 103).

28 JURANDIR, Dalcídio. BGP, 2016, p. 41.

29 Ibidem, p. 130.

30 Ibidem, p. 41.

31 Ibidem, p. 45.

de Belém “seguia com uma crescente gula da cidade”³².

Mesmo com todo mistério emanado pela grande cidade, Alfredo sente-se cada vez mais atraído a desvelá-la, cada olhar lhe transmite assombro, mas ao mesmo tempo o convida a conhecer os labirintos que a constituem. “A cidade balançava ainda. Ou estava tonto com os cheiros de Belém?”. Seus cheiros o aturdiavam como se estivesse percorrendo um rio ondulante, rumo a um passado jamais alcançado, nem por ele nem por qualquer uma das pessoas que o cercam. A realidade que o recebera é totalmente diferente da realidade imaginada por ele em Cachoeira, contrastada pelo bilhete de passagem do bonde, “senhas de um uma cidade para sempre perdida”³³.

A relação entre as pessoas da cidade é notada por Alfredo a partir da descrição das casas que, mesmo uma construída quase em cima da outra, os moradores se desconhecem, ao mesmo tempo que estão tão perto, permanecem distantes.

E as casas da cidade? Janelas fechadas, persianas, fios de luzes delas saía uma gente apressada sem nunca dar um bom-dia a ninguém. Como as pessoas na cidade se desconheciam “Abram as janelas, casa. Tão juntas, e parecem de mal, tão distantes umas das outras, se cumprimentem”³⁴.

A contradição entre a quantidade absurda de pessoas concentradas em um único lugar e a relação, ou melhor, não relação que se estabelece entre elas é algo bastante retratado na literatura. As pessoas, mesmo estando tão perto, distanciam-se e fecham-se em si, condição retratada a partir da fisionomia da cidade que narra a história e vivência desses sujeitos citadinos em suas complexidades: “Alfredo olhava as casas, olhava que olhava. A fisionomia delas, a disposição de cada uma, o gênio, que as casas, muitas vezes, pegam o jeito de nós, viventes”³⁵.

A cidade é contraditória assim como seus habitantes. Progresso e decadência caminham lado a lado, e são notados por Alfredo ainda a partir das construções que o entornam.

Um quarteirão de azulejos, que sobrados! Que acolhedoras antiguidades neles, escorrendo de suas paredes e platibandas, suas janelas sempre fechadas e ao mesmo tempo tão cordiais e de seus porões gradeados em que se via criada gomando e de onde se espelhava um aroma de alta cozinha. Pareciam velhos pelo tempo sossego em que viviam e novos pela frescura e cor e maciez dos azulejos³⁶.

Alfredo vivencia sentimentos diferentes diante das imagens que capta na cidade, os azulejos são seu maior encantamento. Ela é relatada por seu olhar de formas diferentes, hora o atrai por simples detalhes como citado acima, hora por significantes detalhes que marcam a história de Belém:

Ao descer o bulevar, pelos sobrados escuros que ainda cheiravam a borracha, pensava no padrinho Barbosa. No Ver-o-Peso, com as velas recolhidas, a doca perdia o seu ar de feira fluvial. Sem água, maré seca, com aquela mastreação nua, como cruces, o Ver-o-Peso ficava um cemitério de barcos³⁷.

32 Ibidem, p. 49.

33 Ibidem, p. 48.

34 Ibidem, p. 63.

35 Ibidem, p. 86.

36 Ibidem, p. 88.

37 Ibidem, p. 90.

O observar desse jovem flâneur nos mostra os retratos de Belém como a vê, intrigante, apaixonante, acolhedora ou com grande repulsa. Seu olhar torna-se alegórico perante às infinitas novidades que essa cidade carrega em suas entranhas.

A cidade boiava na luz da manhã. Depois daquela semana d'água, as pessoas, os animais, os trens passavam como se voltassem do fundo. Uma mulher passou, meio esverdeada: do limo da enchente? As samaumeiras de Nazaré traziam um ar de dilúvio³⁸.

Em Baudelaire, o flâneur percebe a cidade com a mesma alegoria, vislumbra a cidade em uma manhã enevoada e de forma poética a canta:

[...] uma manhã, em que rua feia
As casas, a que a névoa emprestava brancor
Simulavam dois cais de um rio em plena cheia,
Em que, decoração como a alma do ator, [...] ³⁹.

Quanto mais se envolve com a cidade, mais tragado por ela Alfredo se sente, as lembranças que tanto o entristeciam tornam-se mais suportáveis, pois, “Belém tomava conta dele, envolvia-o com as suas saias que eram aquelas mangueiras-mães, carregadas”⁴⁰.

Belém do Grão Pará é uma obra riquíssima, que retrata beleza e decadência, características distintas em suas significações, mas que, entrelaçam-se na narrativa. Beleza, por nos remontar a cultura e o linguajar do homem local e decadência, não só pelo estado físico da cidade, mas de seus próprios moradores que, em sua busca constante por uma época virtuosa, tapam seus olhos para o próprio tempo em que estão. “E em Belém, em volta do piano inútil, aquela família, três gordos, como se as recordações do passado os engordasse cada vez mais”⁴¹. Cada personagem do enredo traz em suas lembranças a opulência da época da borracha, e delas se alimentam, engordando mais que na época de fartura.

A família Alcântara representa muito bem o traslado entre o presente decadente e passado opulento da cidade, pois a todo instante remontam em suas lembranças e atos, a época de ouro. A ruína da casa, desfecho da narrativa, é o ponto ápice da representação da corrosão das esperanças da família e de seus sonhos destruídos, bem como um colírio para a real situação da cidade de Belém:

Libânia veio avisando: para as bandas da cozinha a parede estremeceu. E Antônio, por impressão ou caçoagem, falou também que a parede da sala rachava [...] a noite andando, Libânia tornou à ala para avisar que ouviu novo estremecimento, desta vez no corredor da cozinha. Dando com a madrinha nos embalos, muda, pensou: “Madrinha-mãe com cara de culpada?” Fez ver: tinham que mudar aquela hora mesma. Para onde, não sabia, mas tinham. Pelo menos retirar a bagagem para a calçada, não no quintal, porque conforme desabasse, não poderiam depois atravessar o entulho. Na calçada, então, antes que tudo fosse a baixo, e até outras futuras providências. E o piano? Já no quintal, ao pé do cacto,

38 Ibidem, p. 59.

39 BAUDELAIRE, Charles. Os sete velhos In: As flores do Mal, 1984, p. 230.

40 Ibidem, p. 90.

41 Ibidem, p. 63.

D. Inácia apagava-se nas sombras⁴².

Como um exímio flâneur, Alfredo descobre e desvela a cidade que, em seus sonhos era majestosa, mas que, por meio de suas deambulações, descobre-a intrigante e sombria. Conhecemos a cidade por meio de “Alfredo, flanando entre as ruínas, ratificando de vez o traço de modernidade da obra dalcidiana”⁴³:

Suas impressões não podiam ser nítidas. A cidade vagava num nevoeiro morno, com suas fachadas fugidias, trilhos faiscando, as torres da Basílica entre as samaumeiras, estas definhando lenta sombra na calçada, nos telhados. Seu olhar memória e imaginação em nada se fixavam. A cidade ondulava sempre⁴⁴.

O tempo já perdido é visível nas construções e nos cheiros de Belém, no qual o ar fantasmagórico se desponta por todos os lados. Essa percepção é notada por Benjamin enquanto uma condição do flâneur:

A rua conduz o flanador a um tempo desaparecido. Para ele, todas são íngremes. Conduzem para baixo, se não para as mães (no sentido de origem das coisas), para um passado que pode ser tanto mais enfeitiçante na medida em que não é o seu próprio, o particular. Contudo, este permanece sempre o tempo de uma infância⁴⁵.

A cidade em toda sua complexidade transforma o menino em um flâneur, capaz de perceber um mundo em apenas um olhar. Uma história por meio de cada rosto que encontra. Belém se mostra ao menino matuto, “[...] uma embriaguez”⁴⁶.

Conforme o enredo se desenvolve entramos em contato com as diversas personalidades que constituem e representam a cidade. O cenário político é discutido e refletido por meio das personagens, principalmente por D. Inácia que durante toda a narrativa recusa-se a aceitar o então governador do estado, Lauro. O governo Laurista é constantemente criticado pela senhora Alcântara, que insatisfeita passa a debater a respeito da disputa política do país.

Cada personagem reflete uma personalidade diferente. D Inácia é geniosa, e a toda instante deixa claro sua predileção por homens sem escrúpulos, ousados. Características diferentes encontradas em Virgílio, sem muitas ambições e apático. D. Inácia assume na narrativa o papel de a Mulher da família, que toma as decisões sobre tudo, inclusive, sobre a mudança de casa. Emília, a única filha do casal, é ambiciosa e sonha em retornar ao status que a família possuía na época do governo de Lemos.

Libânia, criada da casa, reflete a escravidão roupada de apadrinhamento. Esta personagem é de extrema importância no contato de Alfredo com a cidade, além de ser um ponto reflexivo a respeito da construção social que o menino tanto imaginou em Cachoeira. É, muitas vezes, ao lado de Libânia que Alfredo percorre as ruas da cidade. Para ele, a menina “[...] era quem trazia a rua nos olhos, nos pés, no fio de pó em volta do pescoço”⁴⁷. Talvez esse “fio de pó” que ainda a fazia voltar para casa de seus padrinhos.

A escravidão é exposta de várias formas na narrativa, seja pelos criados que Alfredo encontra, seja por outros personagens como a Mãe Ciana que, durante um desabafo com Alfredo relata:

42 JURANDIR, Dalcídio. BGP, p. 368-370.

43 FURTADO, Marli. Universo derruído e corrosão do herói em Dalcídio Jurandir, 2002.

44 JURANDIR, Dalcídio. BGP, p. 49.

45 BENJAMIN, 1989 apud FURTADO, Marli, 2002, p. 168.

46 Ibidem, p. 49.

47 Ibidem, p. 63.

Pensa que os escravos já acabaram? Eu venho da escravidão. Eu, tua avó, tua mãe, tu também. Tu tens no sangue. Nossos parentes penaram nos engenhos. Só nos engenhos? Hum! Deus queira que eles ganhem, tomem as enxadas. Entrem aqui, ora esta, não é de mim que vão tirar⁴⁸.

A conversa entre Mãe Ciana e Alfredo refere-se aos acontecimentos de revoltas que rodam nas cidades vizinhas. Os “famintos” atacam os comerciantes a fim de obter sustento, e o maior temor dos moradores Belenenses é que essa revolta chegue à cidade. A desigualdade social é um tema bastante discutido durante a obra, com a queda do preço da borracha, poucos conseguiram manter o status que possuíam na época opulenta. Muitos - principalmente as camadas mais baixas - sofreram economicamente com a decadência.

Diante disso, quanto mais Alfredo conhece os hábitos dos moradores citadinos, mais frustrado fica, estar na rua tornou-se muito mais atrativo que os estudos tão almejados por ele.

Ora, tudo que ele queria era estudo, nome, carreira [...] ser um homem para D. Inácia? E aquilo de desagradável nela era mesmo pelo que aconteceu ao velho Lemos? Parecia-lhe mulher de ruínas, dos luxos mortos, das coisas acabadas do leimismo [...] A saudade da mãe levou-o a andar pelos trilhos do trem [...] adiante era a cidade, os cinemas, o cargo da pólvora [...] voltou sentindo-se enganado, traído [...]⁴⁹.

Além da família Alcântara, Alfredo entra em contato com outra família, sendo esta composta por parentes de sua mãe, Amélia. Durante a narrativa Alfredo faz o traslado entre o visitar seus parentes e voltar à casa dos Alcântaras e durante esse caminhar, nos revela a cidade e seus sujeitos.

No capítulo dezoito da narrativa, Alfredo acompanha a família Alcântara ao aniversário de Isaura sua prima, amiga e costureira de Emília. Durante a festa o menino nota cada pessoa ali presente e a partir das mãos dos convidados percebe as diferentes profissões que o cercam: “Agora na festa, Alfredo, muito curioso e grato por isso, olhava para as mãos de uns quantos convidados, e profissões ouvia a seu redor: marceneiros, sapateiros, foguistas...”⁵⁰.

O ato de observar faz do flâneur um revelador de histórias. Os simples aspectos fisionômicos, notados por ele nos sujeitos da cidade, fazem parte de suas identidades moldadas pelo meio em que habitam. Suas profissões são nitidamente captadas pelo intenso olhar do flâneur, que os consome na tentativa de revelar a identidade desses sujeitos. A família de Amélia, mãe de Alfredo que residem em Belém é composta por:

Um grupo de negros [...] entre os quais se destacam Mãe Ciana, Magá, suas filhas Isaura e Violeta. Há homens na família, mas aparecem poucas vezes nominados. São obreiros e retratados como irmãos de Isaura, a personagem que faz elo com os Alcântaras. A completar o elenco, destaca-se o anarquista seu Lício, ex-marido de mãe Ciana. Este é o núcleo do trabalho: todos, autônomos ou assalariados, trabalham, eis a principal diferença do outro núcleo. De nenhuma dessas personagens sabemos o sobrenome⁵¹.

48 Ibidem, p. 222.

49 Ibidem, p. 96.

50 Ibidem, p. 144.

51 FURTADO, Marli. Universo derruído e corrosão do herói em Dalcídio Jurandir 2002, p. 116.

A família representa a camada mais baixa de Belém, que de Alfredo possuem sua admiração. A família não possui sobrenome na narrativa, fato que nos leva a crer que não possuem ou possuíam algum status na época da borracha, ao contrário sempre estão em luta para sobreviverem. Já a família Alcântara possuía um status a lembrar, e na tentativa de manter as aparências, mudou-se para uma casa às ruínas na estrada de Nazaré:

Minha filha. Enfim! Arrisca e petisca. Vamos encolher as barrigas e mostrar nossos sorrisos fartos nas três janelas. Em cima, no peito, na cara, a posição social. Embaixo, no bucho, o ronco da necessidade. Mas ajusta tudo, minha filha. As aparências nos chamam, filhinha [...] ⁵²

Um único objeto reflete o bom passado dos Alcântaras, além de suas lembranças, o piano que logo de cara atrai Alfredo. O piano é usado por ele e Emília, a dona, como um local de questionamentos e lembranças e é retratado na narrativa como um objeto silencioso, contraditória a sua natureza, além de ser um objeto possuído por poucos.

Era, de fato, um piano de marca alemã, raro, nem mesmo visto nos leilões. E quando entrava, Emília aparecia na janela, com ar displicente, até meio distraída, olhando para os lados, como quem diz: “ora, o piano...” Mas espiou o movimento das janelas, seu jogo produzia efeito, o piano deu a qualidade da família que ali se instalava ⁵³.

Os demais objetos foram levados aos poucos para que não chamassem atenção: “Realmente, a mudança foi muito cedo, com extrema precaução, para que a estrada de Nazaré não ficasse a par do verdadeiro estado social da família Alcântara. Só uma coisa foi à tarde, pelas cinco: o piano” ⁵⁴.

O ápice da queda dos Alcântaras aconteceu de forma progressiva, primeiro desabou parte do telhado da cozinha, no momento em que Seu Virgílio recebe a visita misteriosa de seu patrão, caso que nos remete o início da expulsão da família da “nova”, ou melhor, da velha casa:

Não demorou, entrava o seu Albuquerque, para o assombro das Alcântaras [...] Alfredo apenas escutou estas palavras dele [...] “E viu que o barro do homem se recoze ao fogo da desgraça” [...] um silêncio fechou a casa. Escureceu. Recolhidas na Ala, as duas mulheres não tinham uma explicação. Seu Alcântara visageava pelos fundos do quintal, quando Libânia correu para a Ala.

- Madrinha-mãe, o telhado da cozinha, arrisca arriar.

A parede rachava, parte do telhado arriou sem atingir o fogão [...] ⁵⁵.

A casa os expulsa do centro, leva-os para a sua realidade: “Os Covões”. A família não pertence mais ao centro, e sim a periferia da cidade, como anuncia dona Inácia: “- Pros covões, é o caminho. Pros Covões” ⁵⁶. A casa traz aos olhos dessa família a quebra de seu passado opulento e mostra-lhes o seu verdadeiro presente, a ruína, além de encerrar o quarto livro do Ciclo Extremo Norte.

52 JURANDIR, Dalcídio. BGP, p. 191.

53 Ibidem, p. 209.

54 Ibidem, p. 208.

55 Ibidem, p. 360.

56 Ibidem, p. 368.

Considerações Finais

O ato de olhar é predominante na narrativa de Dalcídio Jurandir, e é por meio dela que podemos conhecer a história de Belém. Assim como toda cidade moderna, Belém reflete as complexas crônicas dos sujeitos citadinos. Durante a análise percebe-se que Alfredo não é a personagem principal deste romance, mas a própria cidade, como afirma Bolle (2009). Alfredo atua como um intermediador entre habitantes e cidade, pois é por meio de seu olhar poético que lemos a cidade Moderna.

Durante o caminhar de Alfredo-flâneur entramos numa espécie de labirinto cheios de possíveis caminhos, caracterizados a partir das fragmentadas lembranças das personagens, e da própria fisionomia da cidade. O romance é rico de imagens dissonantes que permeiam a contradição entre o passado e presente, visíveis por meio da arquitetura da cidade.

Assim como Alfredo, somos embebedos pelas intrigantes imagens urbanas, que mesmo sombrias nos atraí a desvendar os mistérios que dela emanam. É através do jogo de linguagem usada por Dalcídio que nos atraí a descobrir essa beleza dissonante, considerada por muitos, como aspectos regionais. Mesmo retratando conflitos humanos, como a escravidão, diferenças sociais, fome, miséria, expressões que nos remetem imagens sombrias, por meio do olhar do flâneur, essas imagens não espantam o leitor, ao contrário, o instiga a conhecer mais delas. Dalcídio não apenas narra os hábitos da região Amazônica ele dá voz aos marginalizados por meio de cada personagem que constitui a narrativa dá voz aos excluídos da sociedade.

Alfredo revela por meio de seu olhar cada conflito que os habitantes enfrentam. Libânia e Antônio refletem a escravidão que persiste na cidade. Os olhos de Alfredo acompanham a rotina abusiva dessas personagens, que mesmo sendo crianças, não são poupadas dos serviços pesados.

Ainda por meio dos olhares de Alfredo entramos em contato com a classe de trabalhadores representados pela família de Amélia, Mãe de Alfredo. Essa classe, ao contrário dos Alcântaras, não se mostra repletos de lembranças de um período opulento, pois, ao que podemos notar ela nunca possuiu uma posição social maior do que possuem. As poucas lembranças que surgem, são por meio da Mãe Ciana, que algumas vezes retorna ao período de escravidão, não tão distante quanto gostaria e que persiste em sua realidade.

Os “baderneiros do Guamá”, apesar de aparecerem apenas nas discussões das personagens – principalmente Dona Inácia que sonha com uma revolta que traga de volta as faturas do seu passado com a borracha – refletem os conflitos políticos que despontam na região. A miséria é ratificada por meio desses baderneiros, que lutam em busca de alimentos e retornam a discussões de revolta passadas, como a revolta da Cabanagem ocorrida entre 1835 a 1840, anterior ao período áureo da borracha.

A família Alcântara é um exemplo da imagem da modernidade, a partir dela podemos ver o progresso, vivido no auge da borracha, e a decadência condição atual dessa família. O desfecho da narrativa faz-nos lembrar de uma afirmativa de Benjamin a respeito da modernidade, “o suicídio [...] é a conquista por excelência da modernidade [...]”⁵⁷. Esse suicídio, não é a literal da família, mas o suicídio da sua posição burguesa, ratificada pela queda da casa que habitavam.

Durante a exposição dos conflitos da narrativa, podemos entender a proximidade que a personagem Alfredo possui da figura universal, o flâneur. Alfredo ao adentrar a cidade de Belém assume o papel desse intenso observador, que nasce ao primeiro choque que recebe da tão sonhada cidade.

Apesar de ter sido exposto apenas um romance que compõe o Ciclo Extremo Norte, é visualizar uma centelha do universo dalcidiano, pois, há muito mais a ser revelado. Mesmo sendo apenas uma chispa, é nítida a mais bela experiência de leitura. Uma vez que é impossível não se impressionar neste vasto mundo literário, que é a escrita de Dalcídio.

Como já falado, há muito a ser descoberto na obra de Dalcídio, mas percebe-se que esse foi apenas o começo de uma jornada de olhares reveladores, e o início de uma deambulação no universo dalcidiano.

Referências

- BAUDELAIRE, Charles. **Sobre a modernidade** [organizador Teixeira Coelho] — Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- BAUDELAIRE, Charles. **O pintor da vida Moderna**. In: COELHO, Teixeira (org.). *A modernidade de Baudelaire*. Tradução de Suely Cassal. - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- BENJAMIN, Walter. **Baudelaire e a modernidade**; tradução e edição de João Barrento – Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- BENJAMIN, Walter. **SOCIOLOGIA**; Flávio R. Kothe (org.), 2º ed. – São Paulo: Editora Ática S.A. 1991.
- BENJAMIN, Walter. Sobre alguns temas em Baudelaire. Nova Perspectiva - Vol. III, 1989, p. 103-137.
- BERMAN, Marshall. **Tudo o que é sólido se desmancha no ar. A aventura da modernidade**. Tradução: Carlos Felipe Moisés, Ana Maria L. Ioriatti e Marcelo Macca – São Paulo: Editora Schwarcz LTDA, 1986. Disponível em: <http://groups.google.com.br/group/digitalsource>.
- BOLLE, Wille. **Belém, porta de entrada da Amazônia**. In: CASTRO, Edna. Cidades na floresta – São Paulo: Annablume, 2009, p. 99 – 147.
- COMPAGNON, Antoine. **Os cinco paradoxos da Modernidade**. Tradução de Cleonice P. Mourão, Consuelo F. Santiago e Eunice D. Galéry. 2º ed. - Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.
- FURTADO, Marli Tereza. **Universo derruído e corrosão do herói em Dalcídio Jurandir**. Doutorado (doutorado em Teoria Literária do Instituto de Estudos da Linguagem) Literatura Brasileira, Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem (UNICAMP) - Campinas, SP: [s.n.], 2002.
- FREIRE, José Alonso Torres. **Entre construções e ruínas: uma leitura do espaço amazônico em romances de Dalcídio Jurandir e Milton Hatoum**. Doutorado (doutorado em Literatura Brasileira) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo (UFSP) – São Paulo, 2006.
- FRIEDRICH, Hugo. **Estrutura da lírica moderna: da metade do século XIX a meados do século XX**. – São Paulo: Duas cidades, 1978.
- JURANDIR, Dalcídio. **Belém do Grão Pará**. 4º ed. – Belém: Marques Editora, 2016.
- MENEZES, Marco Antônio de. **Um flâneur perdido na metrópole do século XIX: História e Literatura em Baudelaire**. Doutorado (doutorado em História) – Faculdade de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná (UFPR) – Curitiba, 2004.
- MÁRTYRES, Mayra Ferreira. **FOTOGRAFIA E MEMÓRIA NA BELLE ÉPOQUE PARAENSE**. IV Seminário Moda Documenta. I Congresso Internacional de Memória, Design e Moda - São Paulo, 2014.
- OLIVEIRA, Schariza Pacheco Berny de. **Conexões literárias da vida urbana: cidade e sujeito em Cecília Giannetti e Paloma Vidal**. Mestrado (mestrado em Teoria Literária) - Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2010.
- PESSOA, Fernando. **Poemas de Alberto Caetano** In: O guardador de Rebanhos. Lisboa: Ática; 10ªed., 1993. Disponível em: www.revistaprosaveroarte.com.

SOUZA, Márcio. **Amazônia e modernidade** – Estudos avançados 16 (45), 2002, p. 31-36. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br>. Acessado em: 29 set. 2017.

Recebido em 10 de fevereiro de 2021.

Aceito em 12 de janeiro de 2022.